

Arquivos reais e imaginários entre Américas e Itália

Andrea Santurbano (UFSC)
Andrea Gialloredo (UNICH, Itália)
Cláudia Tavares Alves (UNESP/UFJF/CAPES)

Esta edição da IPOTESI: Revista de Estudos Literários, v. 28, n. 1, de jan/jun 2024, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, reúne uma série de contribuições que tratam do rico emaranhado de trânsitos culturais entre o meio linguístico e literário italiano e o mundo das Américas, tanto em suas vertentes indígenas quanto naquelas mais especificamente lusófona e hispanófono. Essa imbricada rede tem se alimentado ao longo da história de experiências e vivências diretas, fruto de viagens, estadias, migrações, que fundamentaram, como se sabe, um acervo memorial relido e “traduzido” por meio de representações e transfigurações documentais e ficcionais; mas essa rede também é constituída e, ao mesmo tempo, tem dado origem a um rico acervo de arquivos imaginários. Pense-se, por exemplo, nas representações, até mesmo estereotipadas, que vêm de um corolário imagético que não passou necessariamente pelo crivo autobiográfico e experiencial dos protagonistas, e sim pelos ecos da “pátria de Dante”, por um lado, e da “Merica”, por outro. Vale lembrar alguns casos mais visíveis, como o de Juan Rodolfo Wilcock, argentino que se muda para a Itália e passa a escrever em italiano, de Borges que lê Dante, de Italo Calvino que lê o próprio Borges; ou, ainda, da *Commedia* relida desde os Andes por Gamaliel Churata, das célebres viagens de Marinetti, Ungaretti, Gadda, Pasolini e outros, que passaram pelo território latino-americano, das visões mexicanas de Carlo Coccioli e Pino Cacucci. Pode-se também pensar no movimento contrário de José Carlos Mariátegui, Manuel Puig, Clarice Lispector, Murilo Mendes, Cecília Meireles, que tiveram uma experiência na Itália relatada em suas cartas e obras, ou na imagem contida nas narrativas de autores mais recentes como Vitaliano Trevisan e Paolo Sorrentino, que olham para um Brasil visto como lugar de fuga, alienação e recomeços. Objetivo do dossiê temático deste número é então tentar reler essa rede, às vezes rizomática, constituída de relações históricas e culturais, assim como de um fluxo descontínuo de leituras, interpretações e símbolos, a partir também da problematização de suas

tensões, em suma “desarquivando” do seu limbo todo esse patrimônio histórico e imagético.

Entre os artigos que compõem esta primeira seção de IPOTESI, Meritxell Hernando Marsal, em “‘Laura em aimará’: referências italianas na dinâmica cultural andina proposta por Gamaliel Churata” nos fala do já citado escritor peruano Gamaliel Churata (1897-1969), que incorpora em sua produção personagens e referências italianas (Dante e Petrarca em particular) a serem compreendidas a partir de uma original dinâmica baseada nas culturas andinas, que traçam assim o eixo discursivo da obra do ponto de vista temático, filosófico e linguístico. Em “Juan Rodolfo Wilcock: traduttore, poeta e consulente dell’Einaudi”¹, Riccardo Deiana investiga a fundo a colaboração do escritor ítalo-argentino com a histórica editora italiana Einaudi, nas décadas de 1960 e 1970, com o intuito de trazer à luz sobretudo o trabalho de tradução, do espanhol e do inglês, – ainda com poucos estudos – do autor ítalo-argentino. Outro interessante caso de relações editoriais neste eixo é traçado por Marco Carmello em “Il personaggio Gadda, o del ‘Pasticciaccio argentino’ di Enrique M. Butti”, que analisa a malha intertextual na base do romance *Indí* (1993), de Butti, escritor passeur natural de Santa Fé, que teve seu livro traduzido e publicado logo depois na Itália com o título, justamente, de *Pasticciaccio argentino*, com clara referência à figura e à obra do italiano Carlo Emilio Gadda. Já “Os paratextos no século XXI: novos olhares, novas realidades”, de Fernanda Moro Cechinel, foca um lado interessante quando se fala em tradução literária, às vezes esquecido, que é a atenção ao paratexto, mais especificamente da *Divina Comédia* de Dante, nos séculos XX e XXI. E, finalmente, dando conta de uma espécie de “estado das obras”, o dossiê apresenta dois importantíssimos projetos internacionais de pesquisa que vertem sobre as relações linguísticas e culturais entre Itália e as Américas: o primeiro, “LITIAS”, detalhado por Florencia Ferrante e Félix San Vicente, trata de uma parceria entre quatro universidades italianas, com o objetivo de uma investigação nacional sobre a presença e circulação de gramáticas e vocabulários italianos, bem como de traduções espanholas de textos não literários italianos, em territórios hispano-americanos entre os séculos XVI e XX. O segundo, “Conectando Culturas: Dicionário da Literatura Italiana Traduzida”, que

¹ [NDR] Optamos por manter o sistema de referências original nos textos recebidos em língua estrangeira para preservar a integridade das contribuições.

recebeu o auxílio do edital Pró-Humanidades do CNPq, é apresentado por Patricia Peterle em toda a sua rede de conexões linguísticas e literárias entre Brasil e Itália, com foco principal no Dicionário da Literatura Italiana traduzida no Brasil, já ativo há alguns anos e disponível em: <https://www.dblit.ufsc.br>.

A seção “Outros Artigos” traz textos não contemplados na proposta temática do Dossiê. Eles vertem sobre instigantes análises comparadas, tanto literárias como fílmicas. “Uma Breve Reconstituição da Saga da Mulher Brasileira no Século XIX como retratado em ÚRSULA, de Maria Firmina dos Reis”, de Carlos Moreira, propõe uma leitura desse romance à luz de pressupostos teóricos feministas e multiculturais. “O conto fulano de Machado de Assis: o gênero conto entre teorias e tensões”, de Ana Carolina Menocci e Márcio Roberto Pereira, apresenta uma leitura desta escrita muito praticada por Machado a partir de algumas teorizações sobre o gênero. Em “Myrna desanca: Duas colunas de aconselhamento de Nelson Rodrigues”, de Adriano de Paula Rabelo, é a vez do gênero jornalístico a entrar em foco, em particular o do “correio sentimental”. E, finalmente, em “Bacurau: uma leitura sob o prisma do Cinema Novo”, de Marcos Araújo e André Monteiro Guimarães Dias Pires, a análise proposta abrange o universo da linguagem cinematográfica.

Integram a seção “Escrita criativa” um pequeno poema em prosa, “Sintaxe só”, de Saulo Lopes de Sousa, que perpassa por uma espécie de gramática existencial, no verdadeiro sentido da palavra, e um pequeno poema em versos, “Terra brasilis”, de Denilson de Cássio Silva, encruzilhada linguística, histórica e cultural entre a matriz indígena do Brasil e a camada colonizadora.

Na seção “Resenhas” são abordados o romance de estreia da escritora Jarid Arraes, *Corpo desfeito* (2022), comentado por Daniela Birman no texto “Violência familiar e corpo infantil: o romance de estreia de Jarid Arraes”, e o romance *Clarice na memória de outros*, de Nádia Batella Gotlib (2024), oferecido à leitura por Rodrigo Veloso no artigo “Clarice Lispector: memória de uma vida contada e escrita pelos outros”.

Por fim, a seção “Traduções”, oferece pela primeira vez em português três textos de literatura italiana. Leonardo Viana assina com o título de “Linguíças” a tradução do primeiro conto de Igiaba Scego (“Salsicce” no original), vencedor do Prêmio Eks&Tra em 2003 e depois publicado numa antologia em 2005; Jéssica Helena Trombini propõe com “Brincadeiras” uma versão de “Giuochi”, da escritora e jornalista Matilde Serao (1856-1927), mais vezes indicada ao prêmio Nobel; Patricia Peterle e Elena Santi apresentam uma pequena antologia poética cujo título é “Escrever a crise: cinco poetisas italianas na virada entre os séculos XIX e XX”, trazendo nomes até hoje pouco conhecidos.

Não resta que desejar uma boa e profícua leitura!

11/10/2024